

Editorial

Humanos e Não-Humanos: estamos ouvindo coisas?

**Eliana Santos Junqueira Creado (UFES)¹
Guilherme José da Silva e Sá (UnB)²
Patrícia Pereira Pavesi (UFES)³**

O presente dossiê reúne textos que expressam preocupações oriundas de experiências práticas e teóricas que, ao apontarem para a inclusão das chamadas agências humanas e não-humanas na agenda de pesquisas das Ciências Sociais, refletem um pouco de sua diversidade verificada nos últimos anos no Brasil.

Igualmente plural pode-se dizer da definição de “não-humano” contida no volume, destacada na chamada de textos para o dossiê. Os não-humanos englobam seres sobrenaturais, maquínicos, substâncias psicoativas, meta-agentes⁴ (como o oceano, o regime dos ventos, mas também os rios e outros processos geobiofísicos), seres microscópicos e – ocasionalmente e com maior destaque neste volume – os demais animais não pertencentes à espécie humana.

Talvez, seja mais fácil defini-los por sua participação compósita em nossa história, como aqueles que, em longa data e nos mais diversos contextos, têm sido os nossos parceiros e com quem nos associamos para inclusive ressignificar nossas relações intraespecíficas. Embora tenham sido centrais para boa parte das etnografias ditas “clássicas” do ponto de vista daqueles que as protagonizaram, verifica-se que uma recorrente centralidade na noção de humano nas Ciências Sociais opacificou essas outras agências que, por sua vez, conformavam agências

1 Doutora em Ciências Sociais. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Email: <eliana.creado@gmail.com>.

2 Doutor em Antropologia Social. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social da Universidade de Brasília (DAN-UnB). Lidera o Laboratório de Antropologia da Ciência e da Técnica (LACT). Email: <guilherme_jose_sa@yahoo.com.br>.

3 Doutora em Antropologia. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Email: <pppavesipatricia4@gmail.com>.

4 Tomamos a liberdade de chamar de meta-agentes seres, recursos ou processos que permitem a manutenção ou a proliferação da vida; enquanto tais, ajudam na sustentação e na continuidade de inúmeros outros agentes, humanos e não-humanos. Observa-se que há um viés ecossistêmico na utilização do termo, além de se tratar de uma referência um tanto quanto faceira à ideia de uma metaestrutura mental humana, ou Espírito Humano. Todavia, no presente texto, não se trabalha com a ideia de uma meta-agência, apenas de meta-agentes.

outras.

O que em outras áreas seria rapidamente localizado como um antropocentrismo latente, nas Ciências Sociais esse desnível é gerado, e por vezes celebrado, através da consolidação de certo espírito humanista. Provenientes de um movimento marcadamente ocidental, a generalização das promessas iluministas não pode resistir à sua universalização. É onde um problema epistemológico se descortina para nós – naturalistas, segundo a definição proposta por Descola (2005) – e onde começa a ficar interessante para todos aqueles que não partilham divisões ontológicas entre humanos e não-humanos, sociedade e natureza, etc. Isso faz com que, para enfrentar o desafio de uma antropologia de humanos e não-humanos em seus próprios termos, seja necessário repensar o próprio humanismo das Ciências Sociais. Esse é um grande desafio, pois leva-nos muito além de nossa zona de conforto ao entender que os não-humanos em questão são mais do que as meras representações que se fazem deles nas tradições funcionalistas, cognitivistas, e hermenêuticas.

Separar de antemão os humanos, produtores do que acostumamos a chamar de social, dos não-humanos, reserva de naturezas e sobrenaturezas entre nós, foi uma pronta resposta que os primeiros cientistas sociais ofereceram a uma demanda pela consolidação de suas disciplinas através de sua especialização. Desta forma, pouco interessaria aos cientistas sociais ditos modernos que continuássemos atentos às demais agências não humanas, que naquele momento não poderiam mais compor o *socius*. A exceção seria, evidentemente, os casos em que esses entes se manifestassem como representações do mundo dos humanos. Os não-humanos passaram a ser vistos como espelhos, mais ou menos singulares e perfeitos em reflexo de uma comunidade moral denominada humanidade. Essa partição gerou efeitos prolongados sobre a epistemologia das Ciências Sociais e Biológicas, uma vez que quanto mais excluía-se o *socius* da natureza, em contrapartida negava-se o *anima* do mundo dos humanos. Deflagrou-se uma verdadeira batalha entre natureza e cultura – ainda hoje travada em velhas trincheiras – que era municada por argumentos deterministas de ambos os lados. Como já foi dito, à persistência dos não-humanos nas Ciências Sociais respondia-se com imagens e representações à luz da sociedade, mas, também, à incômoda presença do social, as ciências naturais frequentemente acenavam com outros reducionismos (sendo a sociobiologia sua manifestação máxima).

Outro resquício do mesmo tipo de binarismo essencialista que acomete frequentemente os estudos que envolvem as relações entre humanos e não-humanos faz menção ao local destinado às “coisas feitas”, os artefatos não-humanos. Esses objetos, que ao passo em que são produzidos pelos humanos das mais diferentes culturas adquirem autonomia agentiva a ponto de passarem a estar envolvidos em dinâmicas de coprodução da própria noção de humanidade. Se atualmente não encontramos muita resistência no interesse das Ciências Sociais para tais artefatos, em contrapartida não há qualquer consenso em relação ao papel central exercido por esses não-humanos no correr de nossa história. Talvez um bom começo seja admitir que não há nenhum exclusivismo na história daquilo que chamamos de “humano” sem considerarmos esses objetos, técnicas e tecnologias.

Assim, aproximamo-nos de uma proposta mais inclusiva como a aquela disposta por Sophie Houdart e Olivier Thiery (2011):

"Animais, moléculas, objetos técnicos, divindades, procedimentos, materiais, edificações, todos os diversos 'não-humanos' contam, importam para os humanos não apenas esteticamente: as relações que estabelecemos com eles são um pouco daquilo que somos. Nós produzimos as linguagens, os sistemas de sinais e símbolos, as técnicas que não paramos de empregar, de aprimorar, de reparar e sobre as quais nos apoiamos para inventar ainda mais; nós realizamos obras de que nos 'alimentam'; nós construímos prédios para nos abrigar e proteger e onde podemos viver as nossas intimidades; nós cultuamos e veneramos deuses que nos atemorizam, nos possuem, nos 'regeneram', e em nome daqueles matamos uns aos outros; nós produzimos conhecimentos científicos ou outras formas de saberes que utilizamos para transformar a nossa agricultura, a nossa indústria e o nosso sistema de saúde; nós aprendemos a coabitar com os animais que amamos, enquanto criamos outros para o abate e alimentação; nós ficamos assustados com a ideia de que os frágeis ambientes em que vivemos tornam-se insuportáveis e incontroláveis, e não paramos de lutar contra os perigos às vezes mortais que eles nos oferecem. Nós erigimos nossas instituições, nossas organizações políticas e nossos mercados econômicos ao fabricar, utilizar e mantermos técnicas, procedimentos, e arquiteturas que, a medida em que saibamos assegurar os seus funcionamentos adequados, eles nos servem como representantes auxiliares para atender a todos esses coletivos, enquanto que as catástrofes naturais ou alguns dos produtos de nossa própria tecnologia nos obrigam a reconfigurá-los." (HOUDART & THIERY, 2011, pp.7-8).

Neste dossiê, congregamos textos que, ao atentarem para as variadas potências mobilizadas por esses agentes, refletem também nas possibilidades de descrevê-los etnograficamente e cientificamente. Um olhar situado nos modos de existência dos não-humanos tem obtido maior repercussão na Antropologia dentre as Ciências Sociais brasileiras, o que impacta diretamente na edição deste número de CADECS; que, em sua chamada inicial de artigos, não teceu nenhuma restrição disciplinar nesse sentido. Sua composição interna, no entanto, revela a grande heterogeneidade de campos etnográficos que têm se envolvido com o tema das relações entre humanos e não-humanos. Dos quais estão representados neste dossiê: a etnologia indígena amazônica, as paisagens urbanas, os dispositivos de controle e prevenção de doenças, as narrativas históricas sobre os animais, a arte contemporânea, o ativismo animalitário, e as práticas científicas e biomédicas.

No entanto, há outros cenários não representados pelos artigos aqui elencados, mas que poderiam estar, tais como as socialidades construídas a partir de dispositivos de tecnologias de comunicação, bem como de bens não duráveis de consumo (como alimentos orgânicos), ou, então, alterações em coletivos de natureza e cultura trazidas por mudanças socioambientais associadas ao cercamento de paisagens (como a criação de unidades de conservação e a atuação de projetos de conservação de biodiversidade), à contaminação ambiental, a projetos de desenvolvimento e/ou de infraestrutura.

Interessante seria refletir sobre a importância que a Antropologia possui no processo de reconhecimento e de inclusão textual de agenciamentos não-humanos. Provavelmente isso se dá por conta do reconhecimento da disciplina à importância das naturezas-culturas de povos não-ocidentais, o "outro clássico" da disciplina, fundamental para a constituição da mesma (e para a sua separação da

Sociologia); mas também deve-se a uma abertura da disciplina ao diálogo com o "outro disciplinar", o outro da ciência, e, mais amplamente, isso se associa a seu interesse pelos diferentes processos e tipos de conhecimento presentes em sociedades ocidentais ou não-ocidentais – e, no diálogo, muitas vezes assimétrico, que diferentes processos e tipos de conhecimento estabelecem entre si. Acreditamos que a Antropologia, em maior ou menor grau, e de diferentes formas e intensidades, traz a potência do diálogo com outras áreas das Humanidades, e não apenas as das Ciências Sociais, assim como com outras áreas do conhecimento.

De certa forma, mesmo quando as abordagens teóricas usadas pelos pesquisadores/autores são teorias sociais mais clássicas, originadas no espírito humanista que serviu como nascedouro para a disciplina - visando fazer um recorte de seu próprio objeto ("as coisas sociais"), embora, paradoxalmente, tenha se utilizado de um modelo de ciência das chamadas ciências naturais -, esse antropocentrismo é relativamente contornável a partir de uma releitura dessas teorias e, sobretudo, através de um olhar etnográfico comprometido com a consideração da importância de outras agências, pensadas a partir das situações de campo, e também a partir do esforço de sua incorporação na escrita.

No presente dossiê, o diálogo com o "outro disciplinar" deu-se com textos que dialogam com a Arte, a História, a Veterinária, a Biologia, a Filosofia, a Oceanografia, as Ciências Médicas, a Literatura e o Direito, por exemplo. Qualquer abertura, enquanto tal, é permeada por riscos, o que não é uma novidade para os que tentam praticar a Antropologia, como o testemunha o clássico "risco" do antropólogo poder ir a campo e não mais voltar para o seu meio de origem para contar a sua experiência, e, a partir daí, deixar de ser antropólogo. Roy Wagner (2010[1975]) destacou, por exemplo, o quanto a antropologia depende da experiência de choque cultural, e que o tornar-se nativo significaria o abandono da condição de antropólogo.

A abertura da Antropologia a outras disciplinas e a seus profissionais, na busca pelo reconhecimento de agentes não-humanos, apresenta risco similar, embora não se possa afirmar que seja o mesmo risco. No presente caso, o risco seria o dos antropólogos se encantarem com as explicações dadas às agências dos não-humanos, como os animais não-humanos, por profissionais de outras áreas, sobretudo os cientistas naturais, resultando em uma identificação direta dessas explicações (representações) com as agências dos não-humanos em si mesmos ou, então, o risco do encantamento pelas explicações naturalistas e pelos seus agentes humanos obliterar o conhecimento trazido por outros agentes humanos não-cientistas.

Todavia esse encantamento é mais um dentre outros riscos e, talvez, deva-se ao esforço na busca de uma perspectiva que não se refugie no conforto do espírito humanista, consagrado na disciplina, combinado ao apreço pela alteridade, pois, mesmo que a alteridade seja a existente dentro do âmbito do naturalismo, da academia e suas imediações, ela ainda assim é uma alteridade, decorrente de significativas diferenças entre comunidades epistêmicas. Obviamente, muito contribuiu para isso o peso da influência de teóricos da teoria ator-rede (actor-network theory) e dos estudos sociais de ciência e tecnologia (STS).

É preciso destacar que, nesse sentido, a própria conformação do presente

dossiê contorna um pouco essas tendências, pois traz: (1) pesquisas inspiradas em teorias clássicas e contemporâneas; (2) estudos desenvolvidos junto a diferentes *loci* etnográficos, situados em contextos urbanos e não urbanos (e na interface entre eles); (3) diversas conformações de práticas e saberes; (4) diferentes opções no que diz respeito a experiências e técnicas de campo - em sua maioria inspiradas em formatos textuais etnográficos ou abordagens de campo etnográficas; (5) soluções distintas na incorporação de materiais empíricos e artísticos.

Destarte, os estudos que tratam de agenciamentos e engajamentos entre diferentes entes, no Brasil, costumeiramente combinam diferentes correntes teóricas e abordagens, em uma diversidade de matizes que muitas vezes escapam de tipos classificatórios rígidos. Há ainda uma questão de escala dos estudos a ser considerada, e que os organizadores gostariam de destacar, sobretudo quando a consideração das agências não humanas dão-se sob o viés da teoria ator-rede, embora não somente - sendo que é importante lembrar que nem todos os textos aqui englobados possuem essa inspiração: (1) se as redes (sociotécnicas ou não) são o que prevalece nas análises, a partir daí, um ponto específico (por exemplo um determinado território, comunidade, aldeia, laboratório, objeto de arte, corpo, audiência pública, etc.) pode ser escolhido para se analisar onde tais redes configuram-se de determinada maneira; (2) ou, por outro lado, se, a partir de um determinado ponto, as redes serão seguidas sem delimitação prévia ou recorte definido aprioristicamente, muito certamente algum limite de quais redes e agentes deverão ser seguidos será (re)estabelecido no decorrer da análise, ao menos por uma questão de limite temporal, e/ou por conta de uma exigência da escrita - pois tais redes podem ser quase infinitas e assumirem um fluxo contínuo, caso cortes não ocorram nelas, e, ainda, novos agenciamentos sempre poderão ser trazidos às mesmas, por conta de truncamentos de diferentes redes, o que repõe novamente a questão da escala (STRATHERN, 2011).

No que diz respeito a abordagens que enfocam mais o engajamento de entes e/ou corpos, dialogando ou não com a teoria ator-rede, como os estudos sociais de ciência e tecnologia, e abordagens fenomenológicas, o ponto de partida é determinado ente, ou melhor um conjunto de entes e agenciamentos, sociais e materiais, vistos como corporificação ou síntese de engajamentos atuais ou pregressos. O ciborgue, enquanto figura ou metáfora, inspirado em obras de ficção científica, e consagrado nos estudos sociais de ciência e tecnologia por Donna Haraway (2000) é crucial nesse sentido.

A Arte, suas técnicas, seus artefatos e os sentidos e sentimentos por eles evocados e provocados, é uma interessante via para se analisar como múltiplos agenciamentos estão neles implicados ou permitir a reflexão sobre os mesmos, não apenas enquanto fonte de análise (como algo sobre o qual se escreve, como no caso de um objeto de arte pensado enquanto uma rede de relações, ou como no caso da utilização do som e da música na produção da sensação de imersão através de um meio aquoso e de um meio cultural), mas também como inspiração para a maneira como se escreve, como se o texto se tornasse musical ao refletir sobre paisagens sonoras e misturasse nossos sentidos, por exemplo. Contudo, é importante considerar que essa é antes uma postura política do que um esforço de investir sobre o texto como uma questão "meramente estética". Transpor a dualidade forma/conteúdo, que possivelmente seja a derradeira trincheira das

Ciências Sociais em sua guerra autodeclarada em favor da Ciência é algo que almejamos e o fazemos por confiar na agencialidade do próprio texto etnográfico.

Da mesma forma, a escrita que escapa de uma comunidade epistêmica determinada e visa popularizar um tipo de conhecimento e/ou divulgar “descobertas científicas” ou, nos termos de Hannigan (1995), “problemas ambientais” específicos, demanda um esforço comunicativo significativo, cujo desafio maior é o da simplificação sem perda de conteúdo, sendo que há todo um vasto material com tais características, elaborado dentro (e a partir) das chamadas ciências naturais. No que diz respeito aos não-humanos animais, um bom exemplo nesse sentido é o livro “Monstro de Deus, Feras predadoras: história, ciência e mito”, de David Quammen (2007[2013]); enquanto que, do ponto de vista da contaminação ambiental, pode-se citar um dos clássicos do ambientalismo, “O Futuro Roubado”, de Colborn e colaboradores (2012[1997]). Trata-se de um outro campo de estudos, onde a interface entre as ciências e a popularização de sua escrita podem ser pensadas dentro de uma preocupação com os agenciamentos não-humanos e a interface entre áreas de conhecimento, dentre elas a Arte e a Literatura.

Se a diversidade temática é uma marca deste número de CADECS, o mesmo se pode dizer acerca de sua representatividade geográfica e institucional. Participam deste dossiê pesquisadores sediados em diversos estados da federação (São Paulo, Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Bahia), além daqueles vinculados a instituições internacionais como nos casos de Andrea Mastrangelo e Patrícia Galletti (Argentina) e de Stefan Helmreich (EUA).

O resultado final ora apresentado possui outra peculiaridade: um viés de reflexões, diretas ou indiretas, sobre a/s agência/s de animais não-humanos e alguns de seus porta-vozes institucionais ou aqueles que interagem cotidianamente com os mesmos, via relações de trabalho e/ou afeto, totalizando cinco artigos com essa particularidade.

Gostaríamos ainda de registrar que três textos que, a princípio, foram submetidos ao Dossiê, foram incorporados no volume anterior do CADECS (v2n2, de 2014)⁵. Assim, a consideração dos mesmos diversificaria ainda mais o rol de agenciamentos não-humanos destacados nesta apresentação, bem como a representatividade geográfica e institucional de autores do volume. Os organizadores do dossiê, mas, sobretudo, a equipe editorial do CADECS, agradece a todos esses autores por terem aceitado o remanejamento de seus textos para o volume anterior do CADECS.

A seguir, teceremos uma apresentação mais detalhada de cada um dos

5 Trata-se dos artigos: (1) “Uma análise do YouTube a partir do Canal Porta Fundos”, de autoria de Ariane Rodrigues, Adriano Neuenfeldt, Lia Heberlê Almeida, com pesquisa vinculada à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS; (2) “Etnografia de uma caminhada ecológica em meio à paisagem híbrida da ilha”, de Márcio Antônio Farias de Freitas, cujo autor ligava-se à época de sua pesquisa à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); (3) “Experiências institucionalizadas: o espaço religioso e as leituras dos convertidos à Assembleia de Deus em Campina Grande – PB”, de autoria de Monalisa Ribeiro Gama, à época da pesquisa, doutoranda da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Os artigos podem ser acessados a partir do sítio eletrônico do periódico: <http://periodicos.ufes.br/cadecs>.

artigos e ensaios do volume.

O primeiro artigo do dossiê, de autoria de Felipe Ferreira Vander Velden, intitulado "Dessas galinhas brancas, de granja: ciência, técnica e conhecimento local nos equívocos da criação de animais entre os Karitiana (RO)" propõe descrever etnograficamente as controvérsias geradas a partir de um projeto de criação de galinhas de raça junto ao grupo indígena Karitiana que não obteve o resultado esperado por seus idealizadores técnicos. O evento permite verificar os encontros e desencontros entre saberes distintos, em que técnicos e agentes de campo atuam como mediadores e (re)inventores desses conhecimentos.

Em seguida, Andrea Veronica Mastrangelo problematiza em seu artigo - "Derechos de humanos y no humanos: una reflexión basada en dos estudios de caso etnográficos" - a ideia da natureza como sujeito de direitos a partir dos casos de Bolívia e Equador. Sua crítica à filosofia jurídica contemporânea, a embasar essa noção, dá-se através: (1) da discussão de dois casos etnográficos, onde a autora reflete sobre as relações sociedade-natureza, focando na questão da disseminação de zoonoses envolvendo animais não-humanos e populações humanas - em um caso, a doença de Chagas, e, em outro, a leishmaniose visceral; (2) de suas reflexões sobre os protótipos semânticos que fundamentam a ideia da natureza como sujeito de direitos e que operam de modo binário, desconsiderando assim a riqueza das relações cotidianas travadas entre seres humanos e outras espécies de animais.

O artigo de Flávio Leonel Abreu da Silveira e Matheus Henrique Pereira da Silva, denominado "Acerca do olhar do outro, ou sobre "tratadores" e animais em cativeiro: por uma etnografia no "zoo" em contexto urbano (Belém - PA)" aborda as relações entre os animais cativos e seus tratadores que acumulam, com o tempo, técnicas e conhecimentos sobre os comportamentos dos diferentes indivíduos e espécies de animais que habitam o zoo de Belém, e igualmente identificam os tipos de agências dos seres por eles cuidados. O foco principal da análise encontra-se na troca de olhares e de perspectivas presentes nessas interações cotidianas desenroladas em um ambiente que compõe a paisagem urbana de Belém.

"Entre o real e o representado: um debate na história dos animais" é um ensaio bibliográfico em que Andréa Barbosa Osório dedica-se a avaliar a produção da história dos animais e a identificar os distintos momentos dessa produção: (1) um primeiro centrado na questão das representações sociais (humanas) sobre os animais; e (2) um segundo com narrativas preocupadas com os animais "reais", com o reconhecimento de suas agências, que se dá lançando mão de teorias sociológicas e estudos etológicos. A autora observa que o segundo momento é positivo no sentido de reconhecer a existência material dos animais, mas pondera que o uso estrito de fontes científicas para acessar tal materialidade pode, em suas palavras, "reiterar uma divisão entre ciências naturais e humanas (ou sociais) e os animais como seres naturais". Por sua vez, Osório destaca que existem outros agentes humanos que acessam essa materialidade e elaboram teorias sobre os comportamentos dos animais sem serem cientistas.

“Lo humano en lo no humano: la configuración cultural de artista, objeto y público en la experiencia artística contemporánea”, escrito por Patricia Cecilia Galletti, tem uma preocupação interdisciplinar em combinar história, filosofia e antropologia para pensar a produção de arte contemporânea, sobretudo sob o viés do pós-modernismo. A autora sustenta que os objetos artísticos, entes não-humanos, incorporam o humano em si e, portanto, configuram redes. Propõe um maior estreitamento das relações entre a antropologia (e a etnografia) e a arte a fim de superar as intersecções hierárquicas entre elas, em que a arte geralmente ocupa uma posição subalterna.

O artigo intitulado “Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação”, de autoria de Érica Onzi Pastori e Liziane Gonçalves de Matos, apresenta as contradições que se fazem presentes nas relações entre seres humanos e animais não-humanos refletindo simultaneamente sobre a humanização de pets (cães e gatos) por um lado, e sobre a questão do abandono dos mesmos, por outro. O *lócus* de análise fundamenta-se em um contexto urbano – as cidades de Porto Alegre e Caxias do Sul (RS). O processo de humanização desses animais de estimação é visto como algo que rompe as fronteiras entre os termos que compõem as relações humanos-pets, assim, noções como “paixão animalitária” e “amor incondicional” são exploradas pelas autoras. Dessa forma, entende-se que o “amor incondicional” seja um atributo comumente associado aos animais de estimação, mas seus efeitos nas composições familiares e o papel do mercado pet são vitais para esse processo de humanização. Como um contraponto aos processos de “coisificação” dos animais e de seu abandono, o texto dedica especial atenção aos grupos de “ajuda animalitária”, para quem as relações de afeto são destacadas nas relações com os agentes não-humanos.

O texto que encerra o dossiê, “Quando humanos e não-humanos compõem uma audiência pública: o uso de embriões para produção de células-tronco embrionárias”, analisa as falas e as performances de cientistas durante a audiência pública que tratou da constitucionalidade do artigo 5 da lei de biossegurança, em 27 de abril de 2007. Nele, Israel Jesus Rocha aproxima-se da Teoria Ator-Rede para descrever a audiência que contou com cientistas favoráveis e contrários ao artigo que autorizava a destinação de embriões para a produção de células-tronco em pesquisas e usos terapêuticos. A análise percebe as controvérsias em torno do tema e identifica as articulações entre humanos e não-humanos a partir das exposições das duas posições.

Compondo a seção de artigos livres, apresentamos o artigo de Daniele da Costa Rebuzzi “Diálogo e teoria crítica: uma reflexão a partir do seminal “Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: Um estudo sobre o terror e a cura”, de Michael Taussig”. Em seu texto a autora retoma o debate sobre as possibilidades de conhecimento e de escrita sobre o outro antropológico a partir da análise da etnografia de Michael Taussig, notabilizada pela abordagem da experiência de terror da escravização da mão de obra indígena e suas possibilidades de cura através do xamanismo na Colômbia entre 1969 e 1986. A obra de Taussig é vista como ponto de convergência das reflexões da antropologia crítica (ou pós-moderna) e da teoria crítica de Walter Benjamin. Para isso, a autora questiona a construção textual polifônica da etnografia em tela: (1) por conta de minimizar as potencialidades da pesquisa de campo e da experiência da

alteridade antropológicas na construção do diálogo com o/s outro/s, e (2) pelo fato da desordem textual não garantir, por si só, a não ocorrência de violência epistemológica.

Concluindo o volume, o CADECS apresenta a sua primeira tradução. Trata-se do artigo "Um antropólogo debaixo d'água: Paisagens Sonoras Imersivas, Ciborgues Submarinos e Etnografia Transdutora", de autoria do antropólogo norte-americano Stefan Helmreich, do Programa de Antropologia do MIT, originalmente publicado em língua inglesa na revista *American Ethnologist* (novembro de 2007). No ano de 2010, Helmreich recebeu o Gregory Bateson Prize pelo seu livro *Alien Ocean: Anthropological Voyages in Microbial Seas* e o artigo que ora apresentamos é diretamente ligado a essa pesquisa.

Em seu texto, Helmreich apresenta em primeira pessoa sua experiência de (sub)/(i)mersão na cápsula submarina Alvin. Ao explorar os significados variados para esta imersão - "afundamento em líquido, absorção em alguma atividade e entrada compreensiva de um antropólogo em um meio cultural", como o sintetizado por ele no resumo do artigo. O autor utiliza a metáfora do ciborgue submarino para pensar Alvin como um sistema cibernético composto por vários engajamentos entre diversos seres, como os pesquisadores, o oceano, as máquinas, as fontes termais, as pedras e outros entes da vida submarina. Durante sua imersão, a experiência sonora se destaca como essencial para o encontro com as profundezas e para o próprio trabalho dos pesquisadores das ciências do mar.

A construção de paisagens sonoras, dentro e fora da cápsula submarina, dá-se através de estruturas técnicas e sociais, ligadas a práticas de sondagem, audição e escuta. O fenômeno da transdução (a passagem do som de um meio com determinadas características para outro meio com outras características) é explorado pelo autor para pensar ao mesmo tempo o submarino ciborgue e a escrita etnográfica, que, à semelhança da transdução, transporta algo de um meio (o que foi ouvido em campo) para outro meio (a escrita).

Consideramos, por fim, que o artigo de Helmreich entra em sintonia com a proposta deste dossiê "Humanos e Não-Humanos" ao dispor uma grande variedade de agentes não-humanos, viventes e maquínicos, além de refletir sobre a prática e a escrita antropológicas, e, agindo assim, pensar as relações da própria Antropologia com outros modos de fazer (e escrever) ciência.

A equipe editorial de CADECS e os organizadores deste dossiê agradecem à *American Anthropological Association*, pela autorização para a reprodução do texto de Stefan Helmreich em sua versão em português. Igualmente somos gratos ao autor, que declinou do ressarcimento financeiro de seus direitos autorais. A viabilização desta tradução só foi possível graças ao apoio da PRPPG-UFES, a quem manifestamos nosso reconhecimento.

Agradecimentos também são destinados às autoras e aos autores que submeteram propostas para este dossiê e a colaboradores/as pareceristas ad-hoc e revisores/as que contribuíram para a concretização deste volume.

Esperamos que usufruam de uma boa leitura, saudações!

Referencias bibliográficas

- COLBORN, Theo; DUMANOSKI, Dianne; MYERS, John PETERSON. 2012[1997]. *O Futuro Roubado*. Porto Alegre: L&PM.
- DESCOLA, Philippe. 2005. *Par-delà nature et culture*. Paris: Éditions Gallimard.
- HANNIGAN, John. 1995. *Environmental Sociology: a social constructionist perspective*. London and New York: Routledge.
- HARAWAY, Donna. 2000. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humanismo*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 37-129.
- HOUDART, Sophie & THIERY, Olivier. 2011. *Humains non Humains: Comment repeupler les sciences sociales*. Paris: La Découverte.
- QUAMMEN, David. 2007[2003]. *Monstro de Deus – Feras predadoras: história, ciência e mito*. São Paulo: Companhia das Letras.
- STRATHERN, Marilyn. 2011. Cortando a Rede. *Ponto Urbe [Online]*, 8, posto online no dia 31 Julho 2011; último acesso em 01 Março 2016. URL: <http://pontourbe.revues.org/1970>; DOI: 10.4000/pontourbe.1970.
- WAGNER, Roy. 2010 [1975]. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.